

Existe uma palavra de origem árabe que poderia facilmente descrever minha vida: *Maktub*. Seu significado seria algo como “estava escrito” ou “tinha que acontecer”, também pode chamar de *destino*, como preferir. Gosto de pensar assim, senão só seria ladeira abaixo as sucessíveis perdas e péssimas surpresas que venho recebendo esta semana.

Acho incrível a capacidade humana de, a cada dia, encurtar mais a linha tênue da vida e, desta vez, sou eu, que nem pedi (quer dizer, só algumas vezes) para acabar com esse sofrimento infernal que é viver. Mas, olha que ironia! Justo hoje, isso mesmo, HOJE, eu queria viver, enem estou pedindo muito, só mais alguns anos já seriam o suficiente, assim poderia talvez mudar algumas coisas que venho deixando de lado ultimamente. Antes de se começar a perguntar porque estou viajando tanto nas minhas paranoias, vamos começar do início, ao menos as últimas 48 horas.

Pra começar a ver minha belíssima queda na vida, nada mais memorável do que descobrir que o seu namorado está te traindo com a sua prima, e sim, eu presenciei isso. Maldita hora que fui na casa dele sem avisar, não sei se a dor que senti foi meu coração se quebrando ou a confiança quebrada, não sei dizer se existia amor na relação, porém, acho que não, já que fui “cornia”.

Logo após esse acontecimento, estou aqui em um hospital sem graça, fazendo exames de rotina e esperando a minha vez chegar para saber meu prognóstico. Nesse meio tempo, paro pra pensar que o destino não está muito a meu favor hoje, peguei meu namorado me traindo, fui despedida do emprego, desisti da minha faculdade, não vejo meus pais a seis meses e briguei com minha melhor amiga, ou seja, sou um ser humano insignificante. E é neste exato momento que escuto meu nome ser chamado, saio da sala de espera e vou de encontro ao médico, entro na sala extremamente branca, onde o encontro à espera de sua paciente, eu.

– Bom dia, como vai hoje? – ele realmente não quer saber como estou, isso é para ser cordial. – Vi seus exames e tenho uma notícia não muito boa para lhe dar. Primeiro peço que não fique nervosa. – impossível, já fiquei. – Dentre toda sua bateria de

---

<sup>11</sup> Graduanda em Letras/Português pela Universidade Federal de Alagoas. Ganhadora da IX edição do Concurso de Contos Arriete Vilela.

exames feitos, um deles aponta para algo realmente preocupante, ele detectou que você tem um tumor no lado esquerdo do cérebro, existem vários estágios e tipos de tumores cerebrais e o seu está em um estágio que seria inviável um procedimento cirúrgico para a retirada.

Neste momento não sei o que pensar, é como se o mundo inteiro parasse e eu parasse nesse tempo ininterrupto que não anda.

– Tenho risco de morrer? – Sim, tanta coisa pra perguntar, vem logo esta pergunta.

– Vou ser sincero com você, um tratamento é inviável neste momento. Não sei exatamente quanto tempo você tem de vida, muitos casos assim como o seu, teriam em média alguns meses, a única coisa com que posso te ajudar é passar remédios de retardamentos e de inibição de dores. Seria um paliativo dos sintomas que vão surgir com o tempo que lhe resta de vida, pois o seu tipo de tumor tende a ter vários sintomas, tudo pode começar com uma simples dor de cabeça, náuseas, perda de equilíbrio e até mesmo a convulsões, de modo que, com estes medicamentos que vou lhe passar, você poderá aproveitar seus últimos momentos de maneira a não sentir tanto.

– Ok doutor, muito obrigada. Já estou liberada?

– Sim, qualquer coisa pode voltar e tentarei te ajudar.

– Tá bem.

Nesse exato momento, não sei o que pensar, só saio do consultório. Sabe aquela coisa sobre destino? Então! Meu destino é um baita de um malvado, tudo só tende a piorar e, pra fechar com chave de ouro o meu lindo dia (contém ironia), descubro que vou morrer a qualquer momento, que maravilha! Valeu aí, pessoas do céu, vocês são demais!

Volto para casa. Antes de dormir, fico pensando que pessoa mais sem sorte sou eu, é bemaquela frase “se ta ruim, é porque vai piorar”. Fui “cornia”, despedida e agora com prazo de validade, bem que as pessoas aí de cima poderiam adiantar e me matar logo, já que vou ter uma morte medíocre.

E é nesse exato momento que me surge uma ideia, são exatas 23h45min da noite, saio de casa, andando pelas ruas, vou parar em uma ponte, que, por sinal, neste horário, se encontra deserta, “se é pra morrer, ao menos que eu tenha controle na minha morte”, isso é o

mínimo que peço. Olho diante da plácida visão que tenho de um lago, ele é fundo, percorre toda a extensão da cidade, então deve servir. Subo na pilastra da ponte, o vento sopra em minha face, está sendo uma noite de lua cheia, ela, em seu esplendor, será a única testemunha do meu ato de coragem, não tem ninguém por perto, será algo rápido. Pulo de encontro a superfície do lago, para mergulhar na escuridão gelada da morte.

Estou de olhos fechados, esperando o impacto gelado com a água, porém ele não vem. Algo está errado, eu não sei nadar, a queda deveria durar segundos e ainda estou quente, meu coração ainda bate, tenho ar nos pulmões e não estou submersa, congelando no frio. Abro os olhos, dou de cara com alguém segurando meu corpo, suas feições são plácidas, acho que nunca vi alguém assim, não olho pra baixo, tenho medo de estar alucinando. E é nesse exato momento que percebo algo.

Eu não morri, não estou em uma ponte e muito menos estou nos braços de alguém. Estou inerte em minha cama, tendo mais um ataque de ansiedade, minha mente viajando pelas minhas neuroses, meu coração batendo em um ritmo descompassado, meu corpo treme compulsoriamente, sinto como se não tivesse respirando. Após algum tempo deste momento, olho no relógio ao lado da minha cama, são 00h01min da madrugada, e é neste ritmo de linearidade que tudo volta ao normal, meu coração não está acelerado, tenho ar nos pulmões, meu corpo não treme, minha vida volta ao normal, a linha do destino volta a se entrelaçar nas linhas da vida e segue seu rumo em direção ao desconhecido.